



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
UNIDADE ACADÊMICA DE TRÊS RIOS**

**A Evolução do Capitalismo
(da Revolução Industrial até os dias atuais)**

Carina de Carvalho Amaral

2010



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
UNIDADE ACADÊMICA DE TRÊS RIOS**

**A Evolução do Capitalismo
(da Revolução Industrial até os dias atuais)**

CARINA DE CARVALHO AMARAL

*Sob a orientação do professor
Gilberto dos Santos Carvalho*

Monografia submetida como requisito parcial
para obtenção do grau de **Bacharel** no curso
de Ciências Econômicas da UFRRJ, Unidade
Acadêmica de Três Rios.

**Três Rios, RJ.
Jan/2010**

*Dedico este trabalho aos meus pais, que colaboraram
para que eu pudesse receber o maior presente que
uma filha poderia ter: o estudo.
Aos meus parentes e amigos que tanto torceram e
oraram por mim.*

Obrigado Senhor Deus, Rei da minha vida, por ter estado comigo em todos os momentos desta minha caminhada. Os obstáculos foram grandes, porém, muito maior é o meu Deus.

*“Por isso, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (I Coríntios 3:4)
Jesus, esta vitória é Sua!*

Agradeço ao meu professor orientador e a todos aqueles que colaboraram de alguma forma para a finalização deste trabalho.

*"Senhor, dirige os meus passos nos teus caminhos, para
que as minhas pegadas não vacilem."*

Salmo 17:5

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| RESUMO | 8 |
| I – INTRODUÇÃO | 10 |
| II – SURGE O CAPITALISMO E A INTEGRAÇÃO COMERCIAL | 12 |
| 2.1 Estimuladores do capitalismo e a integração comercial | 12 |
| 2.2 Insatisfação e abertura do mercado | 14 |
| 2.3 A depressão | 15 |
| 2.4 A integração e especialização | 17 |
| 2.5 Indústria de bens duráveis | 19 |
| III - PRIMEIRA GUERRA E SUAS CONSEQÜÊNCIAS | 21 |
| 3.1 Estados Unidos, barreiras econômicas e hiperinflação | 21 |
| 3.2 A reconstrução da Europa | 23 |
| 3.3 A guerra impulsionando o crescimento mundial | 25 |
| 3.4 Ultra nacionalismo e o movimento trabalhista | 26 |
| 3.5 Alemanha nazista | 29 |
| IV – SEGUNDA GUERRA: NOVOS RUMOS PARA O CAPITALISMO | 30 |
| 4.1 A socialdemocracia | 31 |
| 4.2 Bretton Woods e o fim do isolacionismo | 33 |
| 4.3 O mundo dividido em duas metades | 35 |
| 4.4 Recuperação comunista e benefícios do Bretton Woods | 37 |
| 4.5 O GATT e a explosão do comércio internacional | 38 |
| 4.6 A industrialização por substituição de importações | 40 |
| 4.7 O fim do Bretton Woods | 42 |
| V - GLOBALIZAÇÃO | 43 |

| | |
|--|-----------|
| 5.1 A crise do petróleo | 44 |
| 5.2 Altas taxas de juros e aumento das dívidas externas | 46 |
| 5.3 Democratizações e colapso do comunismo | 48 |
| 5.4 Regionalismo e globalismo | 49 |
| 5.5 Neoliberalismo: tendência mundial | 51 |
| 5.6 A nova divisão internacional do trabalho | 52 |
| 5.7 A crise dos Estados Unidos | 54 |
| VI - CONCLUSÃO | 57 |
| VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 60 |

RESUMO

O capitalismo começou a dar seus primeiros passos no período da Revolução Industrial. Quando as fábricas inglesas começam a produzir mais e com uma rapidez muito maior, o livre comércio se tornou a opção desejada pela economia britânica. As outras nações que também haviam iniciado o processo de industrialização fizeram o mesmo. Em meio a muitas discussões, o mundo seguia com o livre comércio desenfreado, que gerou uma queda nos preços, e em seguida, a Depressão de 1873 – 1896. A partir desse momento a insatisfação em relação ao livre comércio e ao padrão ouro aumentou. Com a chegada da Primeira Guerra Mundial, os países que participaram da guerra, tiraram suas economias do comércio externo. Estes países passaram a depender da tecnologia, do capital e dos mercados dos EUA, que naquela época já eram a maior economia do mundo. A hiperinflação massacrou a Europa Central e do Leste. Com a chegada da Segunda Guerra, o Bretton Woods foi a forma encontrada pelas economias mundiais para a volta da integração econômica, juntamente com um modelo de Estado de bem-estar social. O mundo se recuperou rapidamente. Um colapso na década 1970 levou as economias a enfrentarem inflações, déficits orçamentários e estagnação econômica durante 15 anos. Já na década de 1990, o mundo voltou ao modelo de capitalismo global com forte integração econômica, liderado pelo pensamento neoliberal. O neoliberalismo encontrou seu fim com a crise no setor imobiliário norte-americano.

Palavras - chaves: Capitalismo, industrialização, hiperinflação, global, neoliberal

ABSTRAT

Capitalism began to take their first steps in the period of the Industrial Revolution. When the British factories began to produce more and with much greater speed, free trade became the option desired by the British economy. The other nations that had started process of industrialization did the same. In many discussions, the world went with unbridled free trade, which generated a fall in prices, and then the Depression of 1873-1896. From that moment the dissatisfaction in relation to free trade and the gold standard has increased. With the arrival of the First World War, the countries that participated in the war, took their economies to trade. These countries have come to depend on technology, capital and markets of USA, at that time was the largest economy in the world. Hyperinflation slaughtered the Central and Eastern Europe. With the arrival of the Second War, the Bretton Woods was the form found by economies to the back of economic integration, together with a model welfare State. The world recovered quickly. A collapse in the 1970s led the economies to face inflation, economic stagnation and budget deficits during 15 years. Already in the 1990s, the world has returned to global capitalism model with strong economic integration, led by neoliberal thinking. Neoliberalism encountered its end with the crisis of American real estate sector.

Keywords: Capitalism, industrialization, hyperinflation, global, neoliberal.

I – INTRODUÇÃO

Este presente trabalho tem como objetivo principal analisar alguns momentos históricos do capitalismo desde o período da Revolução Industrial até os dias atuais.

Para entendermos o funcionamento do capitalismo podemos nos utilizar de duas correntes representadas por Max Weber (1864-1920) e Karl Marx (1818-1883).

A primeira corrente pode ser chamada de culturalista, pois ela busca explicar o capitalismo segundo fatores externos à economia. Weber entendia que o capitalismo se constituiu a partir da herança de um modo de pensar que estaria ligado ao movimento da Reforma na Europa, ou seja, do protestantismo de Lutero e Calvino.

Este pensamento estava atrelado a uma extrema valorização do trabalho na busca da salvação individual, através da prática de uma profissão. O acúmulo das riquezas provenientes do trabalho e da poupança colocaria o indivíduo como pertencente ao grupo dos “predestinados”. Foi este conjunto de fundamentos que impulsionou o amadurecimento do “espírito capitalista”.

A segunda, liderada por Karl Marx, parte de uma perspectiva histórica. Nesta corrente o capitalismo é definido como um determinado modo de produção de mercadorias, que surgiu mais precisamente na Idade Média e que encontrou seu ponto alto no período da Revolução Industrial.

Esta descreve o capitalismo não apenas como um sistema de produção de mercadorias, mas também como um sistema onde a força de trabalho se transforma em mercadoria e se situa no mercado como qualquer objeto de troca.

Marx também coloca que para que exista capitalismo é necessária a concentração de propriedade privada dos meios de produção em mãos de uma classe, e deverá existir outra classe que venda sua força de trabalho como forma de subsistência. Esta relação

entre classes foi construída ao longo do tempo, destruindo o feudalismo e criando o capitalismo.

Sendo assim, parto da perspectiva histórica de Marx, no intuito de explicar o processo capitalista, seguido de seus altos e baixos ao longo de sua existência.

Os acontecimentos históricos em todo o mundo ao longo do tempo podem nos ajudar a compreender as mudanças econômicas e seus impactos em todas as nações. Cada nova corrente de pensamento econômico que surgiu durante todo o processo capitalista tem como base a própria história econômica.

Veremos as várias “eras capitalistas” desde Revolução Industrial até o século XXI, tentando compreender o porquê de cada mudança de pensamento ou teoria ao longo dos séculos. E finalmente nos colocamos diante do grande impasse mundial dos tempos atuais: a crise norte-americana e a queda do neoliberalismo.

II – SURGE O CAPITALISMO E A INTEGRAÇÃO COMERCIAL

Neste primeiro capítulo veremos alguns acontecimentos que transformaram a economia mundial e levaram-na a incorporar o modelo capitalista. Isto porque só poderemos entender a configuração real do capitalismo se conhecermos suas origens, formação e perspectivas atuais.

Sendo assim, este trabalho inicia-se no período em que a Inglaterra passa por grandes transformações em seu sistema econômico devido, principalmente, à Revolução Industrial, deixando o mercantilismo e levando com ela todas as grandes nações da época a optarem pelo capitalismo.

A partir deste momento, a economia mundial abriu suas barreiras lançando-se em direção à integração comercial.

Esta integração comercial enfrentou oposições e períodos de instabilidade econômica como a Grande Depressão de 1873 a 1896. No entanto, ela seguiu firme, impulsionada pela nova divisão do trabalho e pelo boom da indústria de bens duráveis até os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial.

2.1 Estimuladores do capitalismo e a integração comercial

O capitalismo começou dar seus primeiros passos na Inglaterra, mais precisamente na década de 1780 quando surgiram as cidades industriais. Dentro dessas fábricas era grande o número de crianças que trabalhavam em péssimas condições.

Um ingrediente importante para o capitalismo foi o fato de que a economia britânica era organizada em torno da especialização e do comércio. Mas uma série de invenções mecânicas como, por exemplo, o motor a vapor levou as fábricas inglesas a um aumento nas suas escalas de produção.

Um empresário empreendedor poderia criar uma fábrica, para uma produção em grande escala com mercadorias abaixo do custo dos métodos anteriores e capturar rapidamente uma quota dos grandes mercados existentes. Uma nova maneira de criar fortuna havia nascido. Tinha sido encontrada uma forma para usar o dinheiro, para transformar a iniciativa e a inovação em riqueza.

A energia mecânica e humana consumida dentro da nova fábrica fez com que os olhos se abrissem. Em geral, uma roda hidráulica sob forte correnteza fornecia a força motriz para as máquinas. Cada vez mais, as fábricas mais novas passavam a usar carvão e energia a vapor, mas, durante um tempo, a barulhenta máquina a vapor deu muito pouco sinal de que transformaria o mundo.

O vapor, como força motriz, foi usado pela primeira vez com eficácia nas minas da Inglaterra. [] A esse tipo de máquina, James Watt, um escocês, trouxe melhorias fundamentais. Seu maravilhoso dispositivo de 1769, o condensador, finalmente produzia cerca de três vezes a quantidade de vapor ou energia com a mesma escala de carvão. (BLAINEY, 2008a, p. 260-261).

Mas a máquina a vapor deu sua contribuição ao capitalismo quando sua força foi aplicada ao transporte.

Várias regiões da Grã Bretanha tinham se especializado na produção de diferentes tipos de mercadorias, primeiro para o mercado de Londres e posteriormente, para os mercados internacionais.

O uso do primeiro trem a vapor na Inglaterra é datado de 1825 e logo depois em 1828 a França abriu sua primeira ferrovia, em seguida Áustria (1832), Alemanha e Bélgica (1835). No início da década de 1850, Egito, México, Peru, Brasil também construíram suas ferrovias.

A nova invenção mudou o mundo, comida ainda fresca chegava às cidades, a moda também chegava rapidamente aos vendedores de tecidos. O jornal chegava mais rápido e tornou-se mais barato devido a invenção da imprensa a vapor na Alemanha. Todas essas novidades levavam os países a se integrarem cada vez mais.

“O navio a vapor tornou possível construir o estreito Canal de Suez, em 1869, unindo Mediterrâneo e o Oceano Índico, evitando a longa viagem ao redor da África.” (BLAYNEY, 2008a, p 263).

Em 1876 com o telégrafo internacional chegando a várias partes do mundo, surge nos Estados Unidos o telefone, que ligaria as casas de negócios mais próximas.

O comércio se expandia cada vez mais e o mundo ficava cada vez menor. Toda essa expansão levava o mundo ao livre comércio que crescia de forma intensa.

2.2 Insatisfação e abertura do mercado

Desde o seu início o capitalismo enfrentou sérios debates entre aqueles que preferiam o livre comércio e os que achavam que a criação de barreiras comerciais era essencial para o fortalecimento da economia. Já durante a Revolução Industrial as opiniões se dividiam: de um lado os donos das fábricas britânicas queriam eliminar as barreiras comerciais. Autorizar que os estrangeiros vendessem produtos para a Grã-Bretanha reduzia os custos dos fabricantes de forma direta, pois eles compravam matéria prima a baixos preços, e indireta, já que a importação de comida barata permitia aos donos das fábricas pagarem salários menores sem reduzir o padrão de vida dos operários. E se os estrangeiros ganhassem mais ao vender para a Grã-Bretanha poderiam comprar os produtos fabricados pelos britânicos. Os bancos internacionais da Grã-Bretanha também tinham um forte motivo para torcer pelo livre mercado do país com os estrangeiros, já que os estrangeiros eram seus clientes. Logo, os interesses financeiros e industriais se organizavam contra o antigo sistema mercantilista.

Do outro lado estavam os fazendeiros britânicos que lutavam para manter as restrições à importação de produtos agrícolas. Eles defendiam as altas tarifas impostas aos

grãos e diziam que se elas deixassem de vigorar seria prejudicial para a agricultura. Desejavam ser auto-suficientes na produção de alimentos. Mas mesmo com a dura oposição ao livre mercado o sistema mercantilista foi derrotado.

É que não somente a economia britânica é a mais desenvolvida, mas também seu processo de desenvolvimento está, desde a origem, vinculado à expansão colonial e ao comércio marítimo; e ela já está envolvida na lógica da especialização e da divisão internacional do trabalho, que sobressai nitidamente da estrutura de suas exportações e, cada vez mais claramente, daquela de suas importações.

É também que o "esforço para a exportação" da economia britânica, que já era considerável nos anos 1820 e 1830 (um quinto da produção exportada), acentua-se de década a década para ultrapassar um quarto (1851), um terço (1861), dois quintos (1871) da produção física.

Mede-se por aí a importância da conquista dos mercados exteriores para a indústria britânica da época vitoriana; mede-se também a importância que tinha o debate entre mantenedores do protecionismo e partidários da livre-troca. (BEAUD, 1987, p 161).

Daí por diante o comércio internacional intensificou-se cada vez mais. Porém, nem todos estavam satisfeitos com essa nova fase da economia. Com o avanço das tecnologias nos transportes os grãos baratos do Novo Mundo invadiram o mercado mundial. Houve queda de preços dos produtos agrícolas, o que levou muitas áreas rurais do Velho Mundo à fome. Trabalhadores do campo perderam seus empregos devido ao avanço na produção agrícola. Artesãos também perderam sua importância com as novas técnicas de fabricação.

2.3 A depressão

Esta queda gradual e contínua dos preços ao redor do mundo deu lugar a um fenômeno macroeconômico: a Depressão de 1873 a 1896. A expectativa de futuras quedas no valor dos produtos causou pessimismo e incerteza. Já os valores dos maquinários, ferramentas e fertilizantes permaneciam altos. Os custos dos transportes terrestres se mantiveram estáveis e até subiram. Essa mudança de preços gerou protestos sociais nas regiões agrícolas e mineradoras do mundo. Os produtores agrícolas se sentiram ameaçados e buscavam socorro se protegendo das importações.

A perda dos mercados ou de aprovisionamento devido a uma guerra ou a readaptação logo após o conflito, o retraimento do mercado das populações rurais devido a uma ou mais más colheitas ou, cada vez mais, excessivo desenvolvimento das capacidades de produção, o acirramento da concorrência, a baixa de lucros, ligada a dificuldade de realizar o valor produzido e à baixa dos preços, eram as causa dessas “crises do século XIX. (BEAUD, 1987, p 194).

Nesta época a Grã Bretanha e os Países Baixos insistiam no livre comércio praticamente sozinhos, mas mesmo nestas regiões alguns fabricantes e produtores agrícolas exigiam do governo tarifas protecionistas contra os importados.

Marx previa que as novas nações industriais, as novas máquinas e as novas habilidades produziriam muita riqueza, mas também aumentaria a diferença entre ricos e pobres. Para ele era de suma importância a igualdade entre os homens.

Naquela época podiam-se ver claramente estas disparidades sociais. Na Alemanha, a maioria das famílias vivia em apartamentos de um cômodo. Na Rússia o rigoroso inverno consumia inúmeras pessoas que não tinham dinheiro para comprar combustível suficiente para manter o fogo aceso. Nas cidades industriais, o desemprego excedeu os 10% em alguns anos da década de 1880.

Junto com a crítica ao sistema, iniciou-se uma oposição ao padrão ouro.

Com uma queda radical nos preços, produtores agrícolas e mineradores queriam o abandono do padrão ouro, eles acreditavam que com isso o governo poderia aumentar os preços. O padrão ouro perdia suas forças nos Estados Unidos, na América Latina e na Ásia. Itália, Espanha e Portugal o abandonaram.

2.4 A integração e especialização

Os anos entre 1896 e 1914 foram o auge da integração econômica mundial. Com o fim da depressão o capitalismo global voltou ao cenário mundial. Os preços voltaram a crescer de forma contínua e os conflitos comerciais diminuía à medida que o comércio internacional crescia. Daí por diante começaram a diminuir as críticas ao padrão ouro. A produção e renda não aumentaram somente nos países ricos, mas em muitos países subdesenvolvidos também.

As principais moedas mundiais ainda tinham como base o ouro, havendo uma queda nos preços, isso geraria um aumento no valor do ouro.

Com o valor do ouro aumentado, a procura pelo metal aumentou também. No fim da década de 1890 o estoque mundial de ouro já era duas vezes maior que o da década anterior.

Esse aumento nas reservas de ouro fez com que o valor do metal diminuísse, acarretando uma alta generalizada nos preços dos produtos.

O padrão ouro gerava uma previsibilidade e uma estabilidade que facilitava o comércio, investimentos, finanças, a migração e viagens internacionais. Ninguém precisava se preocupar com as taxas de câmbio e controles monetários. Não havia impedimentos concretos para a movimentação de dinheiro ao redor do mundo.

Aderir ao padrão ouro significava fazer parte da integração do comércio mundial.

O capitalismo global levou os países a uma especialização dos seus produtos. Os países passaram a produzir somente aquilo que faziam de melhor. Essa especialização gerava crescimento econômico, pois aumentou a velocidade da produção. Os europeus compravam comida barata do Novo Mundo e se concentravam em se aprimorar nas técnicas industriais.

Os economistas clássicos diziam que a especialização requer acesso a grandes mercados. Para Adam Smith e outros clássicos, restringir as possibilidades de oferta e demanda retardava o crescimento econômico. Os produtores precisavam de grandes mercados para se especializarem e a divisão do trabalho depende do tamanho do mercado.

A divisão do trabalho gerou aumento de produtividade não só em termos nacionais, mas internacionais também.

Já em 1919, John Maynard Keynes declarava que a vida social e econômica experimentou uma internacionalização que na prática estaria perto de ser completa. E este era o pensamento do capitalismo global antes da Primeira Guerra Mundial.

Nesta época, já era um pensamento natural achar que países influentes deveriam manter relações econômicas com o exterior. Os estudiosos achavam que a intervenção do Estado na economia poderia interferir no curso natural do padrão ouro.

As economias se integravam e as fábricas também se expandiam. A Grã Bretanha e o norte da Europa já não eram os únicos a possuírem indústrias. A América do Norte chegava com força, também Japão e Rússia. Muitos países se industrializavam rapidamente e as novas invenções que surgiam levaram a Grã Bretanha a perder seu posto de líder industrial.

2.5 Indústria de bens duráveis

A invenção do veículo motorizado gerou a indústria mais importante do século XX. O automóvel mudou os padrões de produção e consumo. Dez anos antes da Primeira Guerra Mundial a indústria automobilística já estava a todo vapor, essencialmente nos Estados Unidos.

O preço do Ford modelo T caiu de US\$700 para US\$350 entre 1910 e 1916, ao mesmo tempo em que os preços de outros produtos aumentavam 70% em média.

O aumento dos salários dos trabalhadores norte-americanos favorecia a compra desses automóveis cada vez mais. No entanto, não só automóveis, mas outros bens duráveis eram produtos consideravelmente caros, o que levava as pessoas a comprá-los para durar durante muitos anos. Assim, a reputação e a confiabilidade das fábricas passaram a ter grande importância. Isto levou o mercado a ser dominado por poucas grandes empresas.

Neste momento, a Singer, a Ford, a General Electric e a Siemens passam a dominar o mercado de bens de consumo duráveis.

Os novos países industrializados contavam com todo o acesso aos mercados, tecnologia, capital e fornecedores do exterior, mas eles tendiam a utilizar barreiras econômicas para proteger suas indústrias. Os norte-americanos eram bem mais protecionistas que os alemães ou japoneses.

Praticamente todos os países que se industrializavam de forma rápida tenderam a manter tarifas industriais relativamente altas, dentre eles estavam Estados Unidos, Japão, Rússia e Itália.

Apesar de a proteção ter sido importante no desenvolvimento da indústria, ela foi ruim para os consumidores.

A teoria clássica do comércio indicava dois resultados indesejáveis com a imposição de barreiras comerciais:

O protecionismo gerava um aumento nos preços dos produtos, que acabava transferindo a renda dos consumidores para os produtores. Havia um benefício para quem fabricava, mas os consumidores eram prejudicados.

Em segundo lugar, o protecionismo fazia com que o país se desviasse de sua vantagem comparativa. Com algumas atividades sendo protegidas artificialmente e se tornando mais lucrativas, os recursos eram deslocados para atividades ineficientes nestes países.

Durante este período da história capitalista houve também fracassos no desenvolvimento. Regiões muito pobres, colonialismo explorador e sociedades muito tradicionalistas tenderam a fracassar e ficarem estagnadas. Na maioria delas esses fracassos tiveram como principais culpados as suas classes dominantes, que devido às disparidades sociais, não tiveram interesse no desenvolvimento. Dentre esses fracassos desenvolvimentistas podemos citar China, o Império Otomano e a Índia. Todas estas sociedades com características muito tradicionais tinham em suas classes dominantes uma oposição ao desenvolvimento, já que temiam que tal processo modificasse as relações sociais pré-existentes.

À medida que o número de trabalhadores crescia nas indústrias, também crescia a força dos sindicatos, o que desafiava a ordem antes estabelecida.

Trabalhadores lutavam por melhores salários e as fábricas reduziram a flexibilidade dos salários e das horas de trabalho. Isto dificultava o mercado a definir salários livremente, pois muitas vezes, em épocas de recessão a ameaça de desemprego era grande o suficiente para forçar os trabalhadores a aceitar cortes salariais. Esta fase do capitalismo que se passa, no fim do século XIX e início do século XX foi marcada por importantes

vitórias, mas nem tudo terminou da maneira esperada. A Primeira Guerra destruiu a ordem estabelecida e o padrão ouro perdeu sua força.

III - PRIMEIRA GUERRA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Neste capítulo, nos depararemos com um mundo com tendências ao fechamento das barreiras comerciais devido a Primeira Guerra Mundial.

A guerra levou os países beligerantes a perderem poder econômico devido à grande destruição e inflações altíssimas. A partir deste momento a Inglaterra deixa de ser a economia mais importante do mundo, dando lugar aos Estados Unidos.

Os Estados Unidos se fortaleceram e iniciaram uma aceleração do desenvolvimento industrial alcançado às custas da guerra, principalmente no período entre 1925 e 1929.

Com a quebra da bolsa norte-americana e a crise de 1929, muitos países produtores de commodities viram uma queda substancial em suas exportações, que gerou greves, protestos e o início de uma ideologia ultranacionalista.

Esta ideologia ultranacionalista se estendeu pelos países arrasados com a guerra como Alemanha e a União Soviética.

3.1 Estados Unidos, barreiras econômicas e hiperinflação

O livre comércio de bens e capitais deu lugar ao fechamento de fronteiras comerciais. Com a Primeira Guerra Mundial, os países envolvidos passaram a se fechar cada vez mais e se preocupavam apenas com as questões relacionadas à guerra.

Os Estados Unidos ficaram em uma posição relativamente neutra dentro do confronto mundial. Antes de 1914 os Estados Unidos não se envolviam com o resto do

mundo, mas esta guerra forçou toda a Europa a depender da tecnologia, do capital e dos mercados norte-americanos.

A grande Guerra de 1914-1918 convulsiona a Europa, acentua o declínio britânico, fortalece os Estados Unidos, sem resolver na realidade as contradições de antes de 1914. É um longo período de crise que ela abre, insidiosa e múltipla nos anos vinte [...] (BEAUD, 1987, p. 242).

De 1914 a abril de 1917, as exportações dos Estados Unidos cresceram mais de duas vezes. O superávit comercial norte-americano aumentou cinco vezes mais em relação aos índices do pré-guerra. Esse aumento considerável estava relacionado principalmente com o comércio com os aliados.

Os britânicos ficaram sem ter o que vender bem antes da guerra acabar e os empréstimos se tornaram necessários.

Logo, a Grã Bretanha já não liderava a economia mundial e os Estados Unidos passaram de maior devedor mundial a principal credor. As grandes potências européias passaram a depender financeiramente, comercialmente e diplomaticamente dos norte-americanos. Com isso os Estados Unidos se fortaleciam cada vez mais.

A Europa enfrentou uma situação muito difícil, a guerra gerou conseqüências devastadoras em toda a Europa central e oriental. Os países arrasados com a guerra e com a fome se alastrando por todos os seus territórios deveriam recomeçar do zero.

As nações que se envolveram na guerra não tinham como pagar as suas contas e tinham que imprimir dinheiro, como resultados vieram as inflações. Nascia uma nova palavra chamada hiperinflação. Os preços dos produtos aumentavam indiscriminadamente.

No caso mais famoso, quando a hiperinflação na Alemanha terminou, no fim de 1932, os preços haviam crescido um trilhão de vezes em relação ao valor que tinham imediatamente após a guerra.

A hiperinflação arrasou as economias dos países e só foi contida com fortes políticas fiscais e apoio internacional. Com o aumento dos impostos e contenção de gastos a necessidade da impressão de moedas diminuiu.

3.2 A reconstrução da Europa

Na Rússia o fracasso czarista durante a guerra gerou a revolução democrática em 1917. Porém a URSS viveu uma guerra civil até o fim da década de 1920.

Vladimir Ilitch Lênin acreditava que a Revolução Russa seria o começo de uma onda de revoltas extremistas contra o capitalismo.

Lênin encontrou uma economia arrasada e imprópria para o socialismo. A URSS tinha perdido quase que toda a sua capacidade industrial. Em 1921 permitiu-se que empresas privadas atuassem principalmente as que eram voltadas para a agricultura. Havia um estímulo para que os camponeses ganhassem o máximo possível.

Aos poucos a URSS começou a ganhar força, e logo após um tempo de isolamento, voltou a manter atividades econômicas com os demais países.

A Europa queria restaurar o padrão ouro, mas seria difícil alcançá-lo novamente. Muitos países ao longo da guerra implantaram fortes barreiras comerciais e após este período sentiram dificuldades na retirada dessas barreiras.

Já em 1924 a Europa já estava quase que totalmente recuperada. As produções industriais voltaram a alcançar os índices anteriores à guerra. Porém os Estados Unidos tiveram um crescimento muito maior com produção industrial em até 50% acima do seu índice antes da guerra.

A década de 1920, especialmente o período entre 1925 e 1929 foi marcado por um crescimento industrial mundial acima de 20%. Os investimentos cresceram de tal forma

que lembravam os maravilhosos anos do início do século XX. Porém a maior parte desses investimentos agora vinha dos Estados Unidos.

O capital e os mercados norte-americanos alimentavam o crescimento econômico da Europa até a Ásia e também da América Latina.

Os Estados Unidos tiveram um papel importantíssimo na economia mundial durante e no pós-guerra, assim como foi a Grã-Bretanha para o mundo até 1913. A grande diferença entre essas duas economias era que a Grã-Bretanha, principalmente por causa do padrão ouro, necessitava de um envolvimento maior com os demais países europeus. Já os Estados Unidos mantinham uma política de isolamento, e em relação às indenizações do pós-guerra foram contra a renegociação das dívidas.

Keynes era contra as condições impostas à Alemanha, dizia que eram estúpidas e malévolas. Para ele, estas exigências eram imorais e impossíveis de serem cumpridas. Em relação à política comercial, era extremamente liberal, nos termos dos partidos políticos da época, sendo favorável ao livre comércio. Acreditava também que o padrão ouro já não era mais a melhor opção para a economia britânica.

Keynes também havia percebido que os preços e salários tornaram-se menos flexíveis. A economia já não se ajustava como acontecia antes de 1914. A sociedade abandonava certos princípios que funcionavam com as hipóteses do *laissez-faire* e da livre competição.

O mundo moderno se desenvolvia em direção a um capitalismo mais organizado, mais substancialmente rígido em termos de preços e salários.

Em dezembro de 1923, no auge do debate do ouro, Keynes publicou *Breve tratado sobre a reforma monetária*. Nesta obra ele argumentou que os governos deveriam agir para estabilizar preços e salários, em vez de esperar passivamente que eles se ajustassem.

3.3 A guerra impulsionando o crescimento mundial

O mundo entrava em uma nova fase. A Primeira Guerra contribuiu para a aceleração do desenvolvimento industrial, principalmente a indústria química. Surgiam eletrodomésticos novos a todo o momento.

Os veículos automobilísticos encurtavam as distâncias. E foi nesta indústria que inovações administrativas e organizacionais geraram as corporações modernas. Atividades diferentes que antes eram feitas em separado agora seriam feitas em uma única firma. A mesma empresa realizava a pesquisa, o design, a produção, distribuição, propaganda, atendimento ao consumidor e processo de financiamento.

Em 1913 Henry Ford inventou a linha de montagem, o que reduziu o tempo de fabricação dos veículos. Este modelo de produção teve um impacto tão grande que em muitos lugares do mundo a produção em massa passou a ser chamada de fordismo. Estas corporações automotivas também eram integradas verticalmente, unificando os sucessivos estágios de produção e distribuição.

O aparecimento das multinacionais se tornou mais expressivo na década de 1920, com os Estados Unidos liderando esta corrida e em especial com a indústria automobilística. Isto se deveu principalmente a criação de barreiras comerciais européias que dificultavam as exportações norte-americanas. Sendo assim, os Estados Unidos passaram a fixar suas indústrias em outros países como forma de driblar estas barreiras.

A mecanização do campo deixou várias pessoas sem emprego, mas aumentou profundamente a eficiência econômica, principalmente entre o fim da Primeira Guerra e 1940 nos Estados Unidos. Já a agricultura européia, passava por momentos difíceis desde o início da Primeira Guerra, sobrevivendo apenas à agricultura mais extensiva, como produção de grãos, devido aos subsídios do governo e proteção comercial.

Essas mudanças tecnológicas e organizacionais afetaram a estrutura social e políticas dos países industriais. Surgiram as classes operárias e os partidos socialistas e comunistas.

As grandes fábricas aceitavam com mais facilidade a formação dos sindicatos, pois dependiam de operações integradas complexas e necessitavam de uma mão-de-obra estável e confiável, por isto, pagavam salários mais altos. Os gastos com salários correspondiam a uma parcela bem menor dos custos de produção, diferentemente das velhas indústrias de trabalho intensivo. Os custos maiores eram derivados dos maquinários, pesquisas e desenvolvimentos de projetos de marketing.

3.4 Ultra nacionalismo e o movimento trabalhista

Tanto a Primeira Guerra mundial quanto a Grande Depressão de 1930 foram decisivos no fortalecimento dos movimentos trabalhistas.

Na América Latina, em 1930 e 1931, longas greves, marchas pelas ruas e protestos violentos eram freqüentes, levando a derrubada do partido no poder em 11 de seus 20 países.

[] O capitalismo estava em desordem. Era condenado em vários círculos como uma desgraça econômica e moral. John Maynard Keynes, o gênio de Cambridge, que por fim faria muito para fortalecer e recondicionar o capitalismo recomendou em 1936: É fato que o mundo não vai tolerar por muito tempo o desemprego. [] O sistema econômico que outrora havia operado milagres não podia mais dar emprego para dezenas de milhões de pessoas que os buscavam e, como resultado, o comunismo passou a desfrutar de grande prestígio. [] A Rússia comunista, e não os Estados Unidos capitalista, foi aclamada como fórmula para o futuro durante os anos de 1930. (BLAINEY, 2008b, p. 124-125).

Na maioria das democracias européias os governos de esquerda, ou coalizões de esquerda assumiram o poder por no mínimo um mandato.

Os partidos de direita reagiram diante de tal acontecimento. Começaram a aparecer novos movimentos de extrema direita, todos inspirados no fascismo de Benito Mussolini na Itália e transformado pelos nazistas na Alemanha. A nova direita fascista tornou-se

poderosa na Europa. A combinação de anti-socialismo, nacionalismo e anti-semitismo foi a fórmula usada para mover as massas passionais nas ruas e nas urnas.

Os pequenos comerciantes e produtores agrícolas apoiavam os movimentos ultra nacionalistas ou os de ultra direita, isto porque esses grupos foram os mais atingidos no período entre guerras, tendo pouco apoio político. Eles foram prejudicados devido à evolução da divisão de classes entre trabalho e capital, prevista e estimulada por Marx.

Assim, de um lado estavam os comunistas e socialistas se opondo às grandes corporações, os pequenos proprietários e empresários que eram contra os movimentos trabalhistas. Já os partidos conservadores e de tradição liberal tinham forte inclinação pela estabilidade nos negócios, juntamente com a elite proprietária de terra, não se preocupavam com os comerciantes e agricultores destruídos.

Era o fim de um período de prosperidade, havia um declínio gradual do crescimento fora da América do Norte. A recessão atingia parte da Europa e Ásia, porém nos Estados Unidos o crescimento continuava. Então os norte-americanos deixaram de investir seu capital no exterior, pois já não era mais interessante, passavam agora a aplicar seu dinheiro no próprio país, logo o mercado acionário cresceu muito. Os países dependentes do capital norte-americano entraram em uma recessão profunda. Os europeus aumentaram os juros como forma de atrair o capital.

Os norte-americanos também aumentaram os juros, pois sua prioridade era a economia americana. Os juros dos EUA aumentaram de forma que pudessem convencer os investidores e evitar especulações no mercado de ações.

Assim, o mercado acionário começou a cair, e a produção industrial americana perdeu 10% de sua produção. As importações também caíram cerca de 20%. Os preços das commodities e de outros produtos primários caíram muito.

Os países produtores de commodities perderam muito com isso, pois passaram a enfrentar uma súbita queda na demanda europeia e norte-americana.

A Alemanha foi o país mais afetado pela crise, afundando ainda mais. Como resultado, cresceu o apoio aos partidos comunista e nazista.

Assim, os Estados Unidos tomaram medidas de proteção comercial, e logo, outros países fizeram o mesmo.

Os preços e salários continuavam a cair e o número de desempregados crescia cada vez mais. O mecanismo auto-regulador já não funcionava mais e Keynes já havia previsto tal situação quando afirmou que os preços e salários já não tinham mais a flexibilidade de antes.

Os bancos nacionais paralisaram, houve redução de consumo e investimento, criava-se um círculo vicioso dívida-deflação gerando uma queda ainda maior nos preços mundiais.

Em 1931 os Alemães fecharam os bancos e suspenderam conversões da moeda para o ouro ou câmbio estrangeiro. A Grã-Bretanha fechou suas relações comerciais, abandonando o livre comércio de outrora.

O modelo clássico de ajuste não funcionava mais diante do novo capitalismo organizado. O que determinava se um país seguiria um modelo autônomo e o autoritarismo, ou modelo democrático e aberto economicamente, era o fato de esse determinado país ser devedor ou credor. Os países devedores seguiram o caminho da autarquia fascista ou nacionalista, os países credores eram mais democráticos e aderiam à integração econômica mundial.

3.5 Alemanha nazista

A nação alemã registrava uma taxa de desemprego de 30%, Hitler com seu partido nazista oferecia patriotismo e ações firmes. As pessoas corriam para se filiar ao partido que alcançou uma surpreendente votação de 18%. Em outra eleição no mesmo ano, alcançou 37% dos votos, o que levou seu partido nazista a se tornar o maior de todos. Em janeiro de 1933, foi convidado para o cargo de chanceler-primeiro-ministro em um governo de coalizão. Com a morte do enfraquecido presidente da república alemã, Hitler foi eleito com 88% dos votos.

[...] Hitler correspondeu à grande necessidade do povo alemão, que ansiava por recuperar o respeito próprio e a segurança após a derrota na Primeira Guerra Mundial, a incontestável severidade no tratado de paz e as privações impostas pela depressão.

A vida política alemã foi mutilada. Os outros partidos foram extintos. Sindicatos foram esmagados. Pessoas leais ao nazismo foram colocadas nas diretorias de muitas grandes companhias. Os oficiais mais antigos das forças armadas eram obrigados a dar mostra de lealdade ao líder nazista. As igrejas estavam sob controle. [...] O medo de ser espancado, aprisionado ou humilhado em público havia se tornado parte de um novo estilo de vida.

A prosperidade se instalou entre os milhões de crianças, mulheres e homens alemães que anteriormente não tinham o bastante sequer para comer. O desemprego, caiu drasticamente, provavelmente era o mais baixo no mundo industrializado no início de 1935. Não era nada fácil para os alemães protestarem contra a ascensão de um ditador implacável quando a esperança na economia germinava e a fumaça mais uma vez emanava das chaminés das fábricas. (BLAINEY, 2008b, p. 130-131).

Assim como a Alemanha, as outras autarquias incentivaram a produção nacional e em especial o crescimento industrial. Para eles, continuar dependendo do mercado internacional geraria atraso.

Os dois regimes fascistas mais importantes, Alemanha e Itália, eram maiores e mais desenvolvidos que os outros do mesmo tipo. Nestes dois países pregava-se o ódio aos trabalhistas de esquerda, aos banqueiros estrangeiros e às indústrias domésticas que mantinham fortes laços internacionais.

A URSS também era um competidor de peso, capaz de superar o capitalismo liberal do ocidente com sua economia planificada, construída durante a Grande Depressão. O

apoio aos comunistas vinha das cidades. O proletariado era fortemente favorecido pelas políticas soviéticas, assim como os gerentes das fábricas.

Assim, o capitalismo liberal encontrou fortes opositores com tendências claras ao protecionismo.

O colapso do comércio mundial enfraqueceu os interesses exportadores. Para o mundo em desenvolvimento, as condições do período da depressão econômica prevaleceram até meados da década de 1950.

IV – SEGUNDA GUERRA: NOVOS RUMOS PARA O CAPITALISMO

Este capítulo trata do fim da integração econômica gerada no período entre guerras que levou ao surgimento do fascismo, comunismo e do desenvolvimentismo nacionalista. Como estes modelos não atenderam às expectativas, logo, surgiu a socialdemocracia como um novo modelo a ser seguido pelas economias mundiais.

O mundo capitalista liderado pelos Estados Unidos, já não desejava continuar com as barreiras comerciais e assim que a Segunda Guerra iniciou, os norte-americanos começaram uma nova integração econômica mundial.

A União Soviética também voltou a crescer economicamente. O mundo se dividiu em dois blocos: o bloco ocidental liderado pelos Estados Unidos e o bloco oriental liderado pela União Soviética.

Veremos também que os países em desenvolvimento e do Terceiro Mundo foram deixados de lado neste período, e como solução para garantir crescimento econômico, eles adotam o modelo de Industrialização por Substituição de Importações

4.1 A socialdemocracia

Devido principalmente à Grande Depressão, uma sucessão de acontecimentos como colapsos nas exportações, desvalorizações de moedas e calotes de dívidas fizeram com que os países em desenvolvimento passassem a comprar menos dos outros e produzissem mais para si mesmos. O desenvolvimentismo e o nacionalismo estavam em alta. As políticas nacionais abandonavam as exportações para investirem na produção doméstica, principalmente dos produtos manufaturados.

O Brasil, por exemplo, na década de 1920 viu suas exportações agrícolas crescerem três vezes mais rápido que as indústrias. No entanto, na década de 1930 viu sua indústria crescer dez vezes mais rápido que as exportações agrícolas. Isto foi devido a queda nos preços do café, a desvalorização da moeda brasileira e a nova proteção tarifária.

“A partir de 1930, com a crise mundial e o desmoronamento da economia cafeeira, observamos a transição definitiva do processo de acumulação de capital no Brasil para o setor industrial.” (REGO; MARQUES, 2003, p. 245).

O fim da integração global ajudou a gerar algumas alternativas para a economia mundial como o fascismo, o comunismo e o desenvolvimentismo nacionalista. Entretanto estes modelos não cumpriam totalmente o que prometiam. Empregos, desenvolvimento industrial e modernizações foram de certa forma alcançados, mas a liberdade de alguns foi comprometida.

Nascia então a socialdemocracia como uma nova forma de lidar com os problemas do capitalismo nos regimes democráticos.

Os governos com o apoio de coalizões de trabalhadores e produtores agrícolas se tornaram responsáveis pelas intervenções macroeconômicas, segurança social e direito dos empregados. A Suécia e os Estados Unidos adotaram muitas medidas do bem-estar social como: o seguro desemprego, plano de saúde nacional, assistências para idosos e gestantes,

subsídios para merenda escolar entre outras coisas. Estas reformas legislativas do sistema capitalista tentavam de alguma forma torná-lo mais igualitário.

Os partidos vinculados a socialdemocracia defendiam que os governos deveriam intervir na economia como forma de melhorar o capitalismo moderno, assim como Keynes também defendia tal argumento.

Keynes por sua vez, não ofereceu influência nos governos socialdemocratas. Tinha como principal argumento a intervenção estatal por meio de políticas fiscais com gastos mediante déficit, o que não era bem aceito entre os governos. Também não se atentava para assuntos como seguro social, sindicatos trabalhistas, subsídios agrícolas etc.

Os adeptos da socialdemocracia tinham tendências às políticas expansionistas monetária

Para algumas pessoas as idéias de Keynes se aproximavam do marxismo, no entanto ele mesmo acusava de serem marxistas os economistas clássicos que negavam que a intervenção do governo seria a solução.

Todas essas idéias foram aceitas mais facilmente em países com movimentos trabalhistas e partidos socialistas fortes.

As empresas de capital intensivo ofereceram menor resistência a socialdemocracia, pois a proporção do capital empregado era muito elevada em relação aos demais insumos ou fatores de produção. O fato de algumas dessas empresas já trabalharem com o seguro desemprego e pensões impulsionou o apoio desses empresários em relação a estas medidas. O empresário ficaria isento de pagar tais benefícios jogando este peso para as costas do governo.

A socialdemocracia levou o mundo industrial a realizar relações econômicas mais abertas.

Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, as democracias industriais se comprometeram fortemente em reduzir barreiras comerciais e algumas delas, na verdade,

já haviam iniciado um movimento nesta direção. Entretanto a guerra impediu novos progressos.

Os Estados Unidos, que eram o país mais protecionista do ocidente, em cinco anos já haviam assinado 20 acordos comerciais, cobrindo 60% de suas importações.

A França e a Grã Bretanha não aderiram à medida, e instituíram um sistema de preferência imperial.

A Alemanha, Itália e seus companheiros fascistas, rejeitaram a integração global colocando suas economias em favor da autarquia, da intervenção estatal e da repressão aos trabalhadores.

4.2 Bretton Woods e o fim do isolacionismo

Quando a Segunda Guerra estourou, os aliados do ocidente já começaram a traçar a ordem econômica de paz.

Os EUA passaram a se concentrar em três elementos da ordem do pós-guerra: comércio mais livre, estabilidade monetária internacional e recuperação dos investimentos internacionais.

Haviam razões práticas para esta mudança, muitas indústrias norte-americanas utilizavam a superioridade tecnológica para exportar e investir no exterior. Sendo assim, o apoio ao livre comércio se expandiu além da tradicional base de exportação agrícola. E, também tornou-se cada vez mais óbvio que os norte-americanos não enfrentariam muita competição estrangeira ao fim do conflito. Muitas indústrias protecionistas americanas mudaram de idéia quando perceberam que tinham muito a ganhar com a liberalização do comércio.

Como medida para impulsionar o livre comércio, o Congresso Americano aprovou em 1941 um Lend-Lease (lei de empréstimos e arrendamento) com a Grã Bretanha. Os

EUA “emprestariam” equipamentos militares aos aliados sob a promessa fictícia de devolução. Era uma estratégia para evitar as dívidas de guerra, que no passado tinham atrapalhado os planos de recuperação da Primeira Guerra Mundial. Com isso a Grã Bretanha também se comprometeu a eliminar qualquer forma de tratamento discriminatório no comércio internacional e com redução de tarifas, além de outros tipos de barreiras.

Os representantes do Tesouro britânico e norte-americano, John Maynard Keynes e Harry Dexter White formularam propostas para as relações monetárias internacionais e os investimentos globais do pós-guerra.

A volta do padrão ouro seria pouco provável, então Keynes e White conciliaram a estabilidade internacional de um padrão ouro-dólar com flexibilidade doméstica para intervenções cambiais. Havia agora um Fundo Monetário Internacional (FMI) para onde seriam enviados ouro e capital dos países participantes desse fundo. As moedas desses países seriam fixadas no ouro a uma taxa preestabelecida.

Em tempos difíceis o FMI emprestaria dinheiro e os valores das moedas poderiam ser modificados caso fosse necessário.

Keynes e White também criaram um Banco Internacional para a reconstrução e o desenvolvimento (Banco Mundial) que seria sustentado pelas principais potências financeiras mundiais. Este banco teria como função pegar empréstimos com a iniciativa privada a juros baixos e repassaria para projetos que facilitariam outros investimentos privados.

Em julho de 1944 representantes de mais de 40 países se reuniram nas montanhas de Bretton Woods, durante um período de três semanas sob a liderança de White e Keynes. Ali foram traçados planos para o FMI, Banco Mundial e para a ordem financeira e monetária do pós-guerra. O FMI era uma novidade para os seus membros participantes,

nunca havia existido uma organização na qual os países concordavam em subordinar suas decisões sobre medidas econômicas importante. O Banco Mundial também era uma novidade, já que este contava com bilhões de dólares para serem emprestados ao redor do mundo. Antes de a guerra terminar no pacífico, o Congresso norte-americano já havia aprovado o Tratado de Bretton Woods.

A principal importância do Tratado de Bretton Woods foi a derrota do isolacionismo econômico no período anterior à Segunda Guerra, ainda que Keynes acusasse os norte-americanos de modificarem algumas instituições do mesmo para garantirem a predominância dos EUA.

4.3 O mundo dividido em duas metades

A Segunda Guerra tinha sido devastadora. Com a Guerra Fria a Europa ocidental passou a não ter mais acesso aos mercados da parte oriental e central do continente, mas os EUA e restante do hemisfério ocidental desfrutavam de prosperidade.

Após 1945 os Estados Unidos se tornaram absolutos no comércio, nas finanças e nos investimentos internacionais. O dólar havia desbancado a libra esterlina e o franco, a Europa queria cada vez mais comprar os produtos industrializados americanos e a competição dos importados se enfraqueceu.

Mesmo tendo sofrido com a guerra a União Soviética com seu sucesso militar tornou-se dominante a oeste do Reno. Isto mudou a visão dos norte-americanos, pois também viam a indústria soviética se tornar cada vez mais forte. A tensão entre os dois países aumentou, já que a ascensão de uma potência não era bem vinda pela outra.

Em 1947 a Europa já estava dividida em dois grupos: um pró-Estados Unidos e outro pró-União Soviética. Os Estados Unidos ficaram com a responsabilidade de reconstruir a Europa ocidental e a União Soviética a oriental.

Os norte-americanos se empenharam na reconstrução do capitalismo por causa de objetivos econômicos e anti-soviéticos.

Estados Unidos e Canadá concederam empréstimos a Grã-Bretanha, pois consideravam de suma importância para a reconstrução Européia. Isto se tornaria a base de uma aliança ocidental contra a União Soviética.

O secretário de Estado norte-americano George Marshall, com o Plano de Recuperação Econômica, o Plano Marshall, enviou US\$3,5 bilhões para a Europa para reconstrução das economias dos aliados do Ocidente e um programa paralelo mandou meio bilhão de dólares ao Japão.

Assim Europa e Japão tiveram um boom exportador tendo como base os Estados Unidos.

Os Estados Unidos também financiavam as duas instituições de Bretton Woods, o FMI e o Banco Mundial e montaram uma sede para elas em Washington. Entre o fim da década de 1940 e início de 1950 o Banco Mundial e o FMI quase não atuaram, já que a ajuda financeira concedida pelos norte-americanos era grande.

4.4 Recuperação comunista e benefícios do Bretton Woods

Em janeiro de 1949, poucos meses antes do Plano Marshall entrar em vigor, a União Soviética e os aliados da Europa oriental criaram o Conselho de Assistência Econômica Mútua (COMECON), que tinha a proposta de contrabalançar a aliança ocidental.

Os soviéticos reduziram ou eliminaram o pagamento das indenizações restantes e fizeram arranjos comerciais preferenciais. A maior parte do comércio da região era bilateral, ou seja, de país para país o que se tornava limitado em termos de volume e eficiência. A União Soviética estimulava os seus aliados a construir um desenvolvimento econômico autônomo de base industrial.

A recuperação do bloco comunista foi rápida. Durante os 25 anos seguintes, o principal objetivo dos líderes norte-americanos do capitalismo e soviéticos do comunismo era provar que o outro estava errado.

Com o sistema de Bretton Woods em ação vieram muitos benefícios como crescimento econômico, baixa de desemprego e preços estáveis. O Japão foi um dos países que mais se beneficiou. Mas este crescimento econômico não foi visto apenas no Japão, as nações capitalistas avançadas cresceram três vezes mais rápido que no período entre guerras e com velocidade duas vezes maior que antes da Primeira Guerra Mundial.

A prosperidade norte-americana era notável, porém Europa e Japão cresceram numa velocidade ainda maior, devido principalmente aos investimentos das multinacionais dos EUA com seus processos e produtos mais modernos.

Os EUA passaram a fazer investimentos de forma direta no setor industrial mundial. Isso porque a posição norte-americana em relação ao comércio internacional mudou após a Segunda Guerra. O país tinha pouco interesse nos mercados externos antes da Segunda Guerra, no entanto após tal fato, seus interesses mudaram e passaram a

importar produtos de todo o mundo e exportar com entusiasmo. Os mercados e o capital dos Estados Unidos ajudaram a dar nova direção ao mundo industrial.

4.5 O GATT e a explosão do comércio internacional

Apesar do Bretton Woods, ter gerado um comércio relativamente livre, estabilidade monetária e altos índices de investimentos internacionais, muito do que foi acordado neste sistema fugiu dos ideais inicialmente criados por seus fundadores. A organização criada para gerenciar o comércio mundial, a Organização Internacional do Comércio (OIC) nunca fora ratificada pelos Estados Unidos. A OIC foi substituída pelo Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), tornando-se um dos principais pilares do Bretton Woods.

Em abril de 1947, representantes de 23 países se reuniram em Genebra para discussões tarifárias. Após seis meses de negociações, os membros do GATT, assinaram mais de cem acordos sobre 45 mil tarifas, cobrindo cerca de metade de todo o comércio mundial. De acordo com as regras, os governos eram obrigados a oferecer as mesmas concessões comerciais a todos. Os países não poderiam discriminar os produtos de uma nação para o favorecimento de outra, e resultado desse processo foi uma liberalização do comércio global.

Houve uma grande explosão nas exportações mundiais. No entanto, países em desenvolvimento não se beneficiaram dessa redução de barreiras comerciais. Nações que começavam a se industrializar e os países recém-independentes rejeitaram o livre comércio em favor do desenvolvimento industrial protecionista, o que levou o GATT a isentar os países em desenvolvimento de muitas de suas regras.

O acordo monetário de Bretton Woods manteve os valores das moedas estáveis e os mercados abertos, o que levou a um estímulo no comércio e a investimentos de longo

prazo. Keynes havia optado pelo controle sobre os investimentos internacionais de curto prazo. Isso evitaria especulações por parte dos investidores quanto às diferenças nas taxas de juros entre os países, já que se as taxas de juros de dois países de câmbio fixo eram diferentes, os investidores tendiam a retirar dinheiro dos países onde os juros eram baixos e colocá-los em países onde os juros eram altos. Assim foram impostas barreiras a movimentações financeiras para que os governos pudessem adotar as medidas que lhes conviessem.

Esta estabilidade monetária nas décadas de 1950 e 1960 foi de grande importância para o crescimento do comércio mundial e dos investimentos, logo, políticas macroeconômicas foram adotadas por governos de acordo com suas condições internas.

O bem-estar social também foi uma marca de Bretton Woods, já que houve grande expansão dos setores públicos mundiais. Nações mais prósperas tendem a ser mais generosas em relação às políticas sociais. A prosperidade causada pela integração comercial gerou toda essa transformação nas sociedades.

O sistema Bretton Woods durou da Segunda Guerra até o início da década de 1970. Foi o crescimento mais rápido e a estabilidade econômica mais duradoura da história contemporânea. Nações se afastaram do nacionalismo econômico, mas não retornaram ao *laissez-faire* do período anterior a Primeira Guerra. Havia uma mistura de internacionalismo e autonomia nacional, estabilidade social e democracia política.

4.6 A industrialização por substituição de importações

Entre 1930 e 1950 os países da América Latina e algumas nações independentes em desenvolvimento se mantiveram isolados da economia mundial. Neste momento havia uma forte tendência desses países ao nacionalismo econômico, desenvolvimentismo e populismo. O Brasil, por exemplo, que baseava suas exportações na agricultura cafeeira, quase não tinha mercado para o seu produto.

Surgiu então a necessidade da criação de novas indústrias e crescimento das já existentes para suprir a demanda local. Houve também um encolhimento dos setores agrícolas e mineradores, que eram voltados para exportação em toda a América Latina.

Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder na década de 1930, o povo brasileiro viu pela primeira vez uma grande expansão econômica, distanciando-se das práticas imperiais e da República Velha.

A Depressão dos anos 30 teve severo efeito negativo sobre as exportações brasileiras, cujo valor caiu de US\$ 445,9 milhões, em 1929, para US\$ 180,6 milhões, em 1932. []

A limitação imposta pelas autoridades brasileiras sobre a quantidade de bens importados, que se seguiu à diminuição da receita de exportação, provocou carências no mercado interno. No entanto, a sustentação da renda do setor café conservara no mesmo nível de demanda dos bens importados. Essa situação de oferta reduzida e demanda inalterada (alguns argumentariam até que a demanda global cresceu em virtude dos efeitos multiplicadores do reajuste econômico) acarretou sensível elevação nos preços relativos àqueles bens. Criavam-se, assim, incentivos para aumentar a produção interna das indústrias brasileiras que competiam com as importações. (BAER, 1988, p. 16-17).

Getúlio Vargas incluiu os trabalhadores urbanos na sua base de sustentação política, algo que jamais havia acontecido antes no Brasil. Ele levou o país a entrar na era industrial priorizando investimentos na infra-estrutura econômica. Petróleo, eletricidade e siderurgia foram três pontos importantes, na tentativa de recuperar o atraso econômico brasileiro dos cem anos anteriores a este período.

Este modelo político adotado por toda a América Latina ficou conhecido como Industrialização por Substituição de Importações que visava a produção domésticas de

bens antes importados. Foram criadas barreiras comerciais que tornavam muitos produtos importados extremamente caros. Esse isolamento fez com que a América Latina alcançasse seus objetivos conseguindo se industrializar.

A Industrialização por Substituição de Importações apresentou muitos aspectos positivos, mas teve várias conseqüências indesejáveis, causando problemas crônicos na balança comercial e de pagamentos. O protecionismo adotado tinha com objetivo diminuir a dependência do comércio mundial, mas as nações que adotavam tal modelo precisavam importar o que não existia internamente. Quanto mais um país se industrializava, mais necessitava dessas importações.

No entanto, com a proteção industrial e as taxas de câmbio supervalorizadas aumentavam os preços domésticos e tornavam a exportações menos competitivas. As vendas internacionais também eram desestimuladas por causa dos impostos sobre as exportações. Nesses países havia uma tendência a um grande aumento nos déficits orçamentários e da inflação.

Em 1960 o Brasil produzia quase todos os bens finais que consumia, criou indústrias de escala mundial. Essa industrialização exigiu importações de máquinas, equipamentos, além de petróleo, mas as exportações brasileiras foram insuficientes para pagar as importações. O café continuava a responder por mais da metade das exportações, e o restante era de produtos tradicionais como o tabaco, açúcar e minério de ferro. O resultado foram as crises geradas pela balança de pagamentos.

Em abril de 1964, o golpe militar depôs o governo eleito democraticamente e a ditadura reinou por mais de 20 anos.

A doutrina econômica dos militares era, em princípio, de cunho liberal. A primeira providência foi combater a inflação por meio do saneamento das finanças públicas e da instituição da correção monetária, que protegia da inflação tanto o Estado quanto os poupadores em geral. Iniciou-se também a modernização das instituições econômicas, com a criação do Banco Central e da CMV, a formação de um mercado com base em títulos governamentais e uma reforma tributária que introduziu o imposto de valor adicionado (ICM).

Para financiar o crescimento o governo contava com a emissão de títulos da dívida [...]

Com o aumento de recursos disponíveis para investimento, empreendeu-se o assim chamado “milagre econômico”. (COSTA, 2007, p. 161-162).

Medidas austeras e uma recessão profunda ajudaram a controlar os déficits e a inflação, mas os problemas básicos continuaram. A Industrialização por Substituição de Importações também teve um impacto desastroso na distribuição de renda dos países. O crescimento era intensivo em capital, ou seja, o governo subsidiava os investimentos e os industriais utilizavam muito capital e pouco trabalho, e não havia tantos empregos nas indústrias quanto os migrantes vindos do setor agrícola esperavam ao se mudarem para as cidades.

4.7 O fim do Bretton Woods

A era do pós-guerra terminou no início da década de 1970. O acordo do Bretton Woods já havia oferecido integração comercial e crescimento econômico aos seus participantes e esse compromisso entre o internacional e o nacional já estava desgastado. O padrão ouro-dólar entrou em colapso e a proteção comercial aumentou.

As competições internacionais estavam impedindo o desempenho industrial doméstico.

O modelo de substituição de importações também demonstrava sinais de desgaste devido à lentidão nas exportações e problemas na balança de pagamentos, o que diminuiu o ritmo da industrialização.

Os governos socialistas ficaram para trás em termos tecnológicos quando comparados com os países capitalistas. Na União Soviética o ensino e a pesquisa tecnológica eram voltados para a área militar e não para inovações industriais ou para a produção. Logo o governo da União Soviética passou a convidar empresas estrangeiras para explorarem os recursos naturais do país e contraiu grandes empréstimos no exterior.

Os bons momentos do Bretton Woods, do Modelo de Substituição de Importações e do Socialismo chegavam ao fim. Foi o fim de uma era.

V - GLOBALIZAÇÃO

Neste quarto capítulo analisamos a crise do petróleo e seus impactos na economia mundial que dependia fortemente desta commodity.

Os países em desenvolvimento recorreram à tomada de empréstimos para continuarem no caminho da industrialização. As altas nas taxas de juros e o aumento das dívidas externas causaram quedas nas ditaduras e o início da democratização nestes países.

O capitalismo vence a batalha e o comunismo entra em colapso.

Surgem blocos de livre comércio por todo o mundo, e o neoliberalismo se torna a corrente do momento. A globalização é cada vez mais necessária, mas esta integração econômica cria rivalidades e surge uma nova divisão internacional do trabalho.

Com sua economia superaquecida e uma explosão do mercado imobiliário, os Estados Unidos entram em uma crise que mudará a economia mundial acabando com o reinado da corrente neoliberal.

A globalização levou a crise norte-americana a afetar toda a economia mundial, marcando o início de um novo pensamento econômico.

5.1 A crise do petróleo

A partir de 1973 o crescimento dos países capitalistas mais avançados começou a dar sinais de uma desaceleração, isso aconteceu devido aos problemas acarretados depois da Segunda Guerra. Os índices de desemprego mundial e inflação aumentaram substancialmente. Vários ideais econômicos começaram a ser postos à prova, criando debates entre nacionalistas e internacionalistas, defensores do livre comércio e intervencionistas, partidários de direita e esquerda. O mundo havia mudado novamente.

O petróleo que por décadas teve seu preço mantido abaixo do nível da inflação mudou o rumo das economias mundiais. Com a criação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), formada pelos países em desenvolvimento: Irã, Iraque, Arábia Saudita e Venezuela, as alíquotas de impostos e os royalties pagos pelas empresas petrolíferas aos países onde estas empresas se instalavam aumentaram muito. A OPEP se aproveitou da dependência mundial em relação ao petróleo e aumentava os preços desta commodity duas ou até quatro vezes em um pequeno espaço de tempo e ainda admitiu novos países-membros em seu restrito grupo.

Isto acontecia principalmente porque o petróleo tinha poucos substitutos disponíveis de imediato e um aumento nos preços não causava uma grande diminuição do consumo. Países como Arábia Saudita, Kuwait, Qatar, e Emirados Árabes possuíam praticamente metade das reservas mundiais e tinham um lucro com a venda de petróleo maior que o do Japão com todas as suas exportações.

Assim sendo, o mundo assistiu a uma crise do petróleo com preços elevadíssimos, causando grandes impactos na economia mundial e contribuindo para o aumento da inflação.

Havia uma explicação para isso, o petróleo era um produto imprescindível em todas as economias e um aumento desta commodity acabava pressionando um aumento

generalizado de outros produtos. Com o preço do petróleo mais alto, sobrava pouco dinheiro para que os consumidores gastassem com outros bens de consumo, o que gerava uma crise na demanda.

O mundo entrou na pior recessão desde a década de 1930, já que a maioria das moedas era flutuante e os governos tinham liberdade para expandir a base monetária como forma de diminuir o impacto do aumento dos preços, o que gerou inflação.

Com a crise do petróleo o Brasil afundou num mar de dívidas devido principalmente a alguns erros cometidos na condução de suas finanças públicas.

Uma das causas principais da crise econômica dos fins da década de 70 e início da de 80 foi a recusa, por parte das autoridades brasileiras de ajustar a economia do país à revolução dos preços do petróleo de 1973-1974. [] Embora o Brasil tenha atingido altas taxas de poupança e feito grande progresso no sentido de ampliar e diversificar as exportações, o aumento drástico de sua conta de importação (de US\$ 6,2 bilhões em 1973 para US\$ 12,6 bilhões em 1974) só poderia ser pago com um crescimento maciço da dívida externa. Isto foi facilitado pelo enorme suprimento de eurodólares resultantes da acumulação de petrodólares no sistema bancário internacional e o declínio da demanda de recursos por parte das economias de Europa e EUA, já no caminho da recessão. (BAER, 1988, p. 409).

Em 1979, uma nova crise do petróleo se instalou no mercado mundial. Uma guerra entre Irã e Iraque fez com que a OPEP triplicasse o preço do barril de petróleo.

Não só o Brasil, mas também outras nações em desenvolvimento tomaram empréstimos para que pudessem continuar seguindo no caminho da industrialização. Grande parte dos novos investimentos desses países em desenvolvimento foram financiados com dívidas para serem pagas com moeda estrangeira, o que levaria estes governos a incentivarem o aumento de suas exportações. Daí formou-se uma chuva de produtos industrializados baratos dentro dos países industrializados, o que acirrou a competição entre os países em desenvolvimento criando conflitos comerciais.

5.2 Altas taxas de juros e aumento das dívidas externas

Os mercados financeiros internacionais passavam também por um momento de instabilidade, fazendo com que o dólar caísse cerca de 30% em relação ao iene e ao marco alemão.

Os membros da União Européia criaram o Sistema Monetário Europeu (SME) com o intuito de administrarem suas moedas em conjunto se protegendo da crise que afetava o dólar.

Os Estados Unidos então modificaram sua política econômica para acalmar os mercados financeiros e baixar a inflação, aumentando a taxa de juros de curto prazo de 10% para 15% e depois para 20% por três anos seguidos. Esta medida gerou recessão nos EUA, levando a uma redução na produção, diminuição da renda média das famílias norte-americanas e aumentando o desemprego. Mas a inflação diminuiu para menos de 4% e se manteve nesses índices ou abaixo durante os 20 anos seguidos. Esta foi a política monetária mais importante desde o colapso monetário na década de 1930.

Com os juros mais altos, o retorno do capital cresceu e os investidores tiveram lucros altíssimos. Porém, com o fim da inflação, as empresas americanas diminuíram os salários dos norte-americanos, e mesmo quando a economia voltou ao crescimento estes salários se mantiveram baixos por dez anos.

Vários países seguiram o modelo dos Estados Unidos e aumentaram suas taxas de juros como forma de reduzir a inflação.

Esta elevação de taxa de juros iniciada pelo governo norte-americano impulsionou, em dois anos, a taxa básica de empréstimos. Cada aumento de 1% nas taxas dos EUA, custava aos países devedores do Terceiro Mundo adicionais de juros de US\$4 bilhões ou US\$5 bilhões ao ano.

Alta taxa de juros, alta dos preços do petróleo e recessão aumentaram a necessidade dos países do Terceiro Mundo de tomarem empréstimos. A América Latina chegou a pegar empréstimos de US\$1bilhão por semana, principalmente para pagar dívidas já existentes.

Os emprestadores temiam não receber e os empréstimos ficavam cada vez mais escassos. Dessa forma os países devedores pararam de pagar suas dívidas, assustando os banqueiros internacionais.

Em 1979 ocorreu a segunda crise do petróleo, que elevou os preços dos produtos para novos patamares. Os países desenvolvidos provocaram uma recessão para conter o surto inflacionário, e os juros pagos pelos petrodólares dispararam, chegando a 20% ao ano. A combinação dos novos preços do petróleo com juros maiores seria o suficiente para quebrar o Brasil, mas o governo instituiu medidas artificiais, tais como pré-fixação da correção monetária em 45%, para uma inflação que atingia 110%, iniciando graves distorções que seriam ampliadas com o endividamento das empresas estatais para a obtenção das divisas necessárias ao pagamento do petróleo e das obrigações financeiras.

[] Neste ano, o México entrou em moratória, o que fechou o mercado financeiro internacional para os países emergentes. (COSTA, 2007, p. 164).

Então os países credores criaram um formato padrão para a renegociação das dívidas. O país devedor deveria procurar o FMI para que ele fizesse um esboço de um programa de estabilização econômica e ajustes econômicos. Se o governo do país devedor conseguisse convencer o FMI de que modificaria suas políticas, o FMI emprestaria um pequeno volume de recursos. O não cumprimento destas obrigações acarretaria uma interrupção dos empréstimos concedidos.

5.3 Democratizações e colapso do comunismo

A década de 1980 foi muito difícil para a América Latina e gerou uma onda de democratizações, no Brasil Tancredo Neves se elegeu para o primeiro governo civil desde 1964. Dezenas de outros países fora da América Latina seguiram o mesmo caminho da democratização.

Sem os empréstimos estrangeiros os países em desenvolvimento abandonaram o processo de substituição de importações e a partir de 1982, liberalizaram o comércio, desregulamentaram as atividades bancárias, privatizaram empresas públicas, elevaram impostos, cortaram gastos e integraram suas economias aos mercados mundiais.

Outra mudança importante foi o colapso do comunismo. Primeiramente a China impulsionou sua economia para os mercados globais sem abandonar a base do sistema planejado com o Estado chinês controlando as empresas numa reestruturação gradual. Logo a China se tornou um dos países mais atuantes da economia mundial.

Na União Soviética a estagnação continuava, mas quando Mikhail Gorbachev assumiu o poder em 1985 o direcionamento soviético mudou. Gorbachev deixou clara a necessidade urgente de abertura política (glasnost) e de reestruturação econômica (perestroika).

O objetivo inicial de Gorbachev era modernizar o socialismo e não de se tornar capitalista, mas a União Soviética entrou em colapso e o regime comunista chegou ao fim junto com a Guerra Fria e a planificação econômica.

Os representantes da integração dos mercados triunfaram. Com a inflação controlada, uma onda de gastos começou a crescer gerando déficits. Nos Estados Unidos o governo de Reagan se deparava com a maior dívida pública já vivida pelo país em tempos de paz. Altos cortes nos impostos, aumentos de gastos militares e elevada taxa de juros

impulsionaram o surgimento desses déficits. Os gastos mediante déficits foram facilitados pelo crescimento dos mercados financeiros mundiais.

Com os Estados Unidos dependendo de empréstimos estrangeiros o aumento da demanda por dólar foi inevitável, isto porque os estrangeiros emprestavam por meio da compra de Títulos do Tesouro, o que significava comprar dólares. Logo, com o dólar muito forte as importações americanas cresceram muito e os governos estrangeiros manifestaram seus medos quanto a desestabilização do mercado financeiro. Era necessário reduzir os déficits orçamentários e baixar o dólar.

Assim como os EUA, os países desenvolvidos começaram a reduzir seus déficits no início da década de 1990 com aumento de impostos e cortes nos gastos e intensificaram a integração econômica mundial.

5.4 Regionalismo e globalismo

A União Européia havia criado um mercado único, o que impulsionou a criação de uma moeda única. Em 1991 os membros da União Européia adotaram o Tratado de Maastricht que visava a união monetária. Em 1999 o euro foi introduzido deixando a União Européia com todas as características de um país: mercado único, moeda e Banco Central unificados.

Em 1994 a Bacia do Caribe, Canadá, México e Estados Unidos criaram o NAFTA, que foi o tratado de livre comércio, que resultou na criação de um mercado único norte-americano. Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai criaram o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), contando com esses quatro países-membros e mais dois associados, Chile e Bolívia. O MERCOSUL se tornou a quarta força comercial do mundo atrás de União Européia, NAFTA e Japão.

A liberalização econômica se instalou em forma de integrações regionais e foi criada uma nova instituição que substituiu o GATT, a Organização Mundial do Comércio com a função de mediar as disputas e consolidar o sistema de livre comércio.

A economia mundial se reintegrou. O comércio era duas vezes mais importante para as economias nacionais do que era no início do século. As mercadorias e o capital se movimentavam ao redor do mundo muito rápido e em quantidades muito maiores do que em qualquer época anterior.

As inovações tecnológicas do fim do século XX, principalmente na microeletrônica, fortaleceram a integração econômica mundial. A computação e as telecomunicações reduziram seus custos sensivelmente. A miniaturização de telefones celulares, computadores portáteis e aparelhos de comunicação, fez com que estes aparelhos se tornassem peças-chaves no processo de integração econômica.

Os mercados globais se tornaram o alvo da indústria de alta tecnologia, que necessita de um grande volume de pesquisa e desenvolvimento, cuja rentabilidade depende da produção e distribuição em larga escala.

Tornou-se cada vez mais difícil para os governos controlarem o fluxo de movimentação dos recursos ao redor do mundo, já que a comunicação é cada vez mais rápida e mais fácil.

Aumento das transações nas finanças e investimentos internacionais, impulsionada principalmente pela internet fez com que a defesa do protecionismo se tornasse inviável.

5.5 Neoliberalismo: tendência mundial

Desde a década de 1980 surgia uma forte corrente que se mostrava contra o envolvimento dos governos na economia. Daí por diante iniciaram pressões por privatizações e pela desregulamentação das empresas públicas. Esta corrente foi associada aos governos de Ronald Reagan e Margaret Thatcher. No fim da década de 1990 as economias industriais estavam mais livres da intervenção dos governos e centenas de empresas foram vendidas no mundo industrializado. Grandes empresas privadas se consolidaram. As indústrias mais desregulamentadas ou privatizadas passaram por reformas e obtiveram grande avanço tecnológico, ganhando muito mais importância nos mercados globais.

Este novo modo de pensar foi denominado livre mercado, neoliberalismo, ou ortodoxia. Utilizava-se da mistura de austeridade anti-inflacionária, corte de impostos, privatizações e desregulamentação. O Consenso de Washington tornou-se o princípio para a organização da maioria das discussões sobre política econômica.

O Estado-nação está cada vez mais limitado para decidir plenamente a sua política monetária, definir seu orçamento, organizar a produção e o comércio e cobrar impostos sobre as empresas; ou seja, perdeu a maior parte de seu poder no âmbito econômico, mas ainda conserva boa parte de sua capacidade regulatória.

[] Esse tipo de Estado parece ser mais adequado para processar a complexidade crescente das relações entre o global, o nacional e o local, e entre a economia, a sociedade e a política na era da informação.

O domínio da tecnologia é o espaço fundamental no jogo do poder da sociedade contemporânea. A capacidade de universalizar as propostas, os estilos e os produtos tecnológicos, define a possibilidade de redesenhar e controlar o processo geral de produção e dispor dos recursos mundiais de acordo com as próprias necessidades. (DUPAS, 1999, p. 118-119).

A economia por si só caminhava para uma liberalização cada vez maior devido a uma explosão de mobilidade de capital que facilitava empréstimos e o deslocamento de recursos de um setor para outro. Compra e venda de empresas passaram a ser feitas em segundos, o intercâmbio comercial, financeiro e de investimentos se entrelaçava de forma cada vez mais rápida e fácil, o mundo já não tinha mais fronteiras.

As tendências de uma economia global cada vez mais liberalizante se reforçavam quando nos traziam à memória que esta globalização havia sobrevivido à recessão global, ao desemprego que persistia elevado na Europa, à desintegração social vivida pelos países que saíram do comunismo e às crises da Ásia e América Latina.

No Brasil, assim como no resto do mundo, o liberalismo influenciava o direcionamento político e econômico.

Fernando Henrique Cardoso foi eleito presidente, e tratou de apressar as reformas econômicas, reduziu as barreiras comerciais, intensificou o comprometimento do Brasil com a união aduaneira do MERCOSUL e vendeu empresas públicas. Com isso, o comércio brasileiro dobrou seu tamanho atraindo muitos investidores estrangeiros.

5.6 A nova divisão internacional do trabalho

Surgiu uma nova divisão internacional do trabalho devido à rivalidade dos mercados. A economia globalizada forçava os países a aguçar suas habilidades competitivas se concentrando no que produziam de melhor, com o intuito de tornarem suas economias mais eficientes, gerando rápido crescimento. As nações que conseguiram tal feito obtiveram crescimento econômico e elevação do padrão de sua população. Alguns exemplos são: o Japão, que se tornou líder financeiro e tecnológico, Coreia do Sul e Taiwan se voltaram para a fabricação de bens sofisticados por possuírem trabalhadores mais especializados. A China por ter se industrializado tardiamente se especializou no mercado de produtos intensivos em mão-de-obra. Até mesmo os países que detém certos recursos naturais usam tal atributo como arma para uma participação mais forte na economia globalizada, como exemplo disso tem o Brasil com seus minerais e Tailândia e Vietnã com agricultura tropical e aquicultura.

Mas estes foram os exemplos de países que cresceram com essa nova divisão do trabalho causada pela liberalização comercial. Existe outra gama de países que não puderam se favorecer da globalização, regiões do mundo que simplesmente afundaram na pobreza. Dentre eles podemos destacar a África Subariana, países do Oriente Médio e casos isolados na Ásia e Bacia do Caribe. A África principalmente se deparou com verdadeiras catástrofes econômicas, que por motivos políticos, governos desestimulavam produtores africanos a fazerem o seu melhor. Temos na Tanzânia o triste exemplo das punições impostas à agricultura e da deficiência da industrialização dirigida.

O descaso do Ocidente, em relação aos países africanos, e do Oriente Médio agravaram ainda mais a situação econômica dos mesmos. O atraso econômico africano se evidencia quando notamos o fracasso socioeconômico caracterizado pela epidemia de Aids, comparável às pragas dos tempos medievais. Precariedade na saúde denunciada pela mortalidade infantil e subnutrição são apenas alguns traços do outro lado da moeda do capitalismo globalizado.

Neste momento colocamos a prova a eficiência desta globalização, que muitas vezes ao invés de integrar acaba isolando socialmente algumas populações.

Crises causadas por grandes booms de mercado caracterizam uma fraqueza no modelo liberalizante deixando uma dúvida no ar. O mundo entra em xeque, a globalização peca em alguns aspectos deixando claro que o extremismo ideológico não funciona, deveria ser feito uma mescla de intervenções estatais, quando necessário, com atitudes liberalizantes.

[...] Cresce com a globalização a necessidade de regulamentações internacionais para transações que ultrapassam fronteiras. É nesta medida que a globalização deveria vir acompanhada por uma melhor coordenação da política entre Estados nacionais soberanos, pelo aprimoramento da fiscalização de bancos e instituições financeiras, pela derrubada do dumping fiscal entre Estados, [] por uma cooperação mais estreita entre organizações internacionais e pelo seu próprio fortalecimento, a fim de que adquiram maior eficiência e flexibilidade. (BECK, 1999, p. 227).

5.7 A crise dos Estados Unidos

Sinto-me tentado a afirmar que essa crise não se assemelha em nada a que tenhamos visto antes. Porém, eu seria mais exato se afirmasse que ela se parece com qualquer outra que já presenciamos em diferentes épocas, só que, agora, é como se todas estivessem acontecendo de uma vez, ao mesmo tempo: estouro da bolha de imóveis, comparável ao que aconteceu no Japão em fins da década de 1980; uma onda de corridas bancárias, reminescente daquelas do começo da década de 1930 (embora envolvendo principalmente o sistema bancário paralelo, em vez de instituições financeiras convencionais); armadilha de liquidez nos Estados Unidos, outra vez evocativa do Japão; e, mais recentemente, ruptura dos fluxos de capital internacionais e sucessão de crises cambiais, análogas às que varreram a Ásia, em fins da década de 1990. (KRUGMAN, 2009, p. 173-174).

Em 2007 a economia dos Estados Unidos começou a dar sinais de uma crise financeira. Mais precisamente no dia 07 de fevereiro de 2007, quando o banco HSBC anunciou que teria prejuízos devido ao aumento na inadimplência. Daí por diante uma série de instituições financeiras anunciam demissões e falências.

Esta crise financeira foi impulsionada pelo setor imobiliário americano que nos últimos anos se tornou o mercado mais promissor dos Estados Unidos. Muitos artifícios foram usados para convencer os americanos a tomarem empréstimos, dentre eles, o de cobrar taxas de juros mais baixas nos primeiros anos do empréstimo, mas depois estes juros foram aumentando de forma drástica. Isto levou muitas famílias americanas ao endividamento, pois com o tempo não conseguiam mais pagar suas dívidas.

O crescimento do mercado imobiliário foi atribuído a esta facilidade de crédito (subprime) que é também chamado de crédito de segunda linha, pois engloba pessoas com histórico de inadimplência e conseqüentemente oferecem menos garantia de pagamentos. Mas estes empréstimos subprime são mais atrativos pelos gestores de fundos e bancos, pois têm juros maiores e conseqüentemente os retornos também se tornam maiores. Os gestores passaram a comprar e vender títulos de instituições que fazem empréstimos antes do pagamento do primeiro empréstimo, logo um ciclo vicioso se forma. Se o tomador do empréstimo não paga sua dívida inicial, inicia-se um ciclo de não recebimento das dívidas.

A partir daí todo o mercado evita emprestar ou comprar os subprime, e isto faz com que uma crise de liquidez se inicie.

A globalização financeira permite que uma crise iniciada nos Estados Unidos, por exemplo, se reflita no resto do mundo; isto porque os créditos gerados dentro dos EUA podem ser convertidos em ativos que rendem juros para investidores da toda parte do mundo. Logo, iniciou-se um pânico generalizado.

[...] Além do crescimento do sistema bancário paralelo, ocorreu outra transformação na natureza do sistema financeiro ao longo dos últimos 15 anos, sobretudo depois da crise asiática – a saber, a aceleração da globalização financeira, com os investidores dos diferentes países detendo grandes participações em outros países. [] Portanto, os Estados Unidos mergulharam ainda mais na situação de devedor líquido. Porém, ainda mais impressionante, foi o grande aumento das participações recíprocas.

À semelhança de boa parte do que aconteceu no sistema financeiro nas últimas duas décadas, essa mudança deveria reduzir riscos: como os investidores americanos mantinham parcela considerável de sua riqueza no exterior, eles estavam menos sujeitos às quedas de atividades econômicas nos Estados Unidos, e, como os investidores estrangeiros mantinham boa parte de sua riqueza nos Estados Unidos, também eles estavam menos sujeitos às quedas da atividade econômica nos respectivos países. Porém, parcela considerável do aumento da globalização financeira decorre de investimentos de instituições financeiras altamente alavancadas, que faziam vários tipos de apostas transfronteiriças arriscadas. E, quando coisas davam errado nos Estados Unidos, esses investimentos transfronteiriços atuavam como o que os economistas denominam de “mecanismos de transmissão”, pelo qual uma crise que eclodiu no mercado habitacional dos Estados Unidos desencadeou sucessivas outras no exterior. (KRUGMAN, 2009, p. 185-186).

Quase todas as instituições financeiras norte-americanas compraram algum tipo de subprime, o que gerou uma onda de falências. Bancos e financeiras falidos possuíam ativos que valiam menos que passivos, conseqüentemente tiveram que ser fechados ou o governo teve que fazer algum tipo de intervenção. Foi o que aconteceu com o Bear Stearns, a Merrill Lynch, a AIG, a Fannie Mae e o Freddy Mac. Diante de tantas vendas, intervenções e falências a desconfiança do mercado financeiro aumentou.

As instituições que ainda restaram no mercado tenderam a se retrair, diminuíram os empréstimos, fazendo com que inúmeras empresas ficassem sem capital de giro para produzir. O consumo diminuiu devido à falta de crédito e a economia começou a desacelerar, a economia real começou a se esfriar gerando desemprego e recessão.

As intervenções do governo norte-americano em sua economia se tornaram cada vez mais necessárias, demonstrando que o neoliberalismo tinha algumas limitações nos países desenvolvidos. Os países em desenvolvimento também começam a questionar esse modelo.

Para Keynes todas as crises são também crises da economia real, a história já havia nos mostrado isso com a queda da bolsa de Nova York em 1929 quando pessoas e empresas perderam riquezas por causa da redução nos preços dos ativos.

A história das crises nos mostrou que intervenções do governo ajudam a reduzir os impactos da crise sobre a economia real.

Para Marx as crises econômicas são inevitáveis e fazem parte do sistema capitalista. Ele não acreditava na harmonia dos mercados e admitia a possibilidade de crises no nível de produção e circulação de mercadorias.

Podemos observar que as crises se iniciam após períodos de grande prosperidade nos levando a crer que elas fazem parte do ciclo capitalista, comprovando a afirmativa de Marx. Vemos também que ao término de cada crise uma nova página da história econômica se inicia juntamente com novas tendências teóricas. Este seria um dos indícios do fim do neoliberalismo.

“Há quem diga que os nossos problemas econômicos são estruturais; porém, acredito que os únicos obstáculos estruturais relevantes à prosperidade do mundo são as doutrinas obsoletas que entopem a mente das pessoas.” (KRUGMAN, 2009, p.201).

VI - CONCLUSÃO

Desde o início da Revolução Industrial, a economia mundial apresentou níveis de crescimento econômico e transformação social nunca visto antes. Estas transformações foram conseqüências de uma mudança de modelo econômico mundial que culminou no início do capitalismo.

Ao longo dos anos, vimos a economia internacional transformar pequenas fábricas em grandes produtoras mundiais. O uso dos mercados internacionais levou países, que anteriormente eram pobres, a fazerem parte do grupo das nações industriais mais avançadas do mundo.

Essa integração e liberalização de mercado foram fundamentais para o desenvolvimento de muitos países, diminuindo os níveis de pobreza e melhorando as condições de toda uma sociedade.

O sistema econômico atual interligou empresas e países de tal forma que, um único país em crise pode afetar todo o mundo. São os tempos da globalização.

Mas também existe um lado ruim, a liberalização comercial aumentou a concorrência internacional, ocasionando falência de milhares de fábricas tirando o emprego de muitos trabalhadores. E, no entanto, existem empregos que dependem profundamente desta globalização.

São muitos os que se perguntam por que a internacionalização das estruturas produtivas não está provocando redução das desigualdades de rendas como previa o pensamento liberal. Existem aí fatores políticos que explicam tal questionamento, ou seja, foi também a pressão das massas que melhorou as condições de trabalho e de vida das pessoas, e não puramente o modelo capitalista.

O Keynesianismo nos mostra que a utilização de instrumentos políticos na economia abriu espaço para a era da socialdemocracia, que beneficiou camadas sociais crescentes no sentido de atender pelo menos as necessidades básicas da população.

Vemos claramente que os benefícios do capitalismo globalizado trouxeram seus custos, como no caso das corporações multinacionais que introduzem novas tecnologias e métodos, fazendo com que firmas nacionais saiam do mercado.

O capitalismo dos dias atuais se tornou muito mais especulativo do que deveria ser, transformando este sistema interligado de países, numa bomba relógio pronta para explodir. A história econômica mundial nos revelará se este modelo atual se manterá ao longo dos anos ou se estamos vivendo um momento de mudança de mentalidade econômica.

É certo de que a integração econômica mundial aumenta as oportunidades de crescimento econômico e que algumas alternativas para mudar este modelo não tiveram sucesso. O isolamento das economias na década de 1930 não surtiu efeito, este procedimento só fez surgir ditaduras e guerras. Pode-se dizer que foram poucos os países que conseguiram algum progresso, isolados das economias internacionais.

Mas a globalização desenfreada no período anterior a 1914 fez os governos fecharem os olhos para a sociedade, sendo inevitável o choque entre os movimentos sociais das classes e a ortodoxia clássica.

O Bretton Woods foi uma forma de concertar os erros provocados pelos Estados autárquicos e pelo laissez-faire. O fato de firmar compromissos com a integração econômica e o bem-estar social, de forma gradual e ao mesmo tempo, gerou uma rápida recuperação da economia mundial. E isto bastou para que os governos impulsionados por gastos excessivos deixassem o Bretton Woods, gerando um colapso na década de 1970 e

seguidos anos de inflação e orçamentos deficitários. Foi um período de estagnação econômica.

Podemos notar que tanto a integração econômica sem medidas de proteção social ou reformas, quanto os períodos de rejeição à integração não foram bem sucedidos. Mas vimos também que a combinação desses dois conceitos econômicos teve apenas uma solução temporária se observarmos o andamento das nações ocidentais após 1945.

O capitalismo se deparou com um grande desafio no século XXI, que é combinar integração econômica com governos politicamente reativos e socialmente responsáveis. As economias abertas só terão um bom funcionamento quando seus governos tomarem partido para um intervencionismo em direção às fontes causadoras de colapsos no capitalismo global.

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAER, W. **A industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil**. Tradução: Paulo de Almeida Rodrigues. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988. 665 p.

BEAUD, M. **História do capitalismo: de 1500 aos nossos dias**. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 396 p.

BECK, U. **O que é globalização?: equívocos do globalismo, resposta à globalização**. Tradução: André Carone. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 1999. 282 p.

BLAINEY, G. **Uma breve história do mundo**. Tradução: Editora Fundamento. 2.ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2008a. 342 p.

BLAINEY, G. **Uma breve história do século XX**. Tradução: Editora Fundamento. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2008b. 308 p.

COSTA, C. C. da. **A história do futuro do Brasil: (1140 – 2040)**. São Paulo: Editora Saraiva, 2007. 264 p.

DUPAS, G. **Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, Estado e o futuro do capitalismo**. 3. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 1999. 257 p.

KRUGMAN, P. **A crise de 2008 e a economia da depressão**. Tradução: Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2009. 201 p.

REGO, J. M.; MARQUES, R. M. (org.). **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Saraiva, 2003. 314 p.